ANO XI / MAIO 1953 / N.º 105



Novellae OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

SUMÁRIO

Um Congresso oportuno — Fernando Cristóvão 113

Simbolismo Litúrgico — José Guilherme 115

Que é a J. U. C. — S. 121

Nossa Senhora em Menina — Fernando Melro 125

Têm a palavra os Párocos — F. C. — J. C. 127

O Padre Américo na sua obra — Alberto Neto 134

Para a sua estante 138

Crónica — A. Tavares 139

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14



Um Congresso oportuno

O Congresso dos Universitários católicos, que há pouco se realizou em Lisboa, veio chamar a atenção da consciência nacional para graves problemas, que não são ùnicamente do interesse dos professores e estudantes, mas que entram nas preocupações gerais.

Efectivamente, a influência que a Universidade exerce, tanto na comunidade nacional, formando os seus chefes e orientando a mentalidade comum, como entre os povos pautando as suas relações, é de molde a dedicar-se-lhe mais atenção.

Um povo será o que forem as suas universidades, e por elas se mede a sua cultura e índice de progresso ou retrocesso.

A evolução ideológica, económica etc., faz-se em função das novas ideias e conhecimentos, e é dirigida pelos intelectuais. Não é pelas armas qne a História é comandada, nem tampouco a civilização é fruto do progresso técnico.

O espírito tem o seu primado sobre a matéria.

A Universidade, como se salientou nesses dias do Congresso, deve visar não apenas a formação científica, mas a formação integral nos seus aspectos múltiplos.

Por isso deve ser intensa e bem orientada a sua vida institucional, porque assim mais fàcilmente atingirá o seu fim próprio. E não apenas a formação científica, porque os universitários têm, além dos seus próprios problemas, responsabilidades graves em relação à Sociedade.

A Sociedade, se precisa de técnicos e cientistas, não precisa menos de intelectuais e chefes que a saibam orientar no verdadeiro caminho da harmonia e subordinação aos valores mais altos.

E como poderão ser orientadores, se eles próprios se não souberem situar nas verdadeiras coordenadas?

Foi voto do Congresso que se criasse entre nós uma Universidade Católica, que desenvolvesse a cultura superior católica, requerida pelas nossas tradições cristãs e pelas exigências da sociedade contemporânea. A velha aspiração continua de pé, e não pode ser mais oportuna.

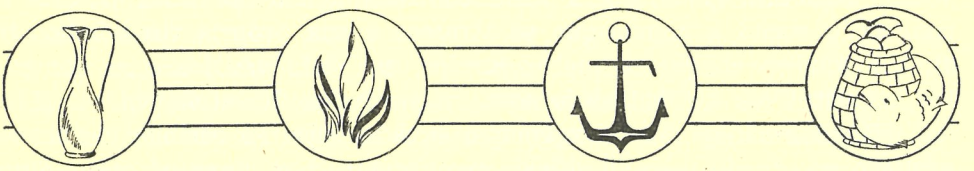
Na verdade, num país como o nosso, nem se compreende a sua ausência, nem ainda a falta de ensino religioso nas Universidades oficiais. Não é questão de brio nacional, é uma necessidade urgente. Não faz sentido que o problema religioso, seja a tal ponto descurado, e que, tendo-se aperfeiçoado os conhecimentos científicos e técnicos até à especialização, se deixem os conhecimentos religiosos, de importância decisiva na condução da vida privada e social, reduzidos a pouco mais que a velhas fórmulas do Catecismo sem a ulterior explicitação e assimilação.

A resposta dos inquéritos é suficientemente elucidativa.

Impõe-se como necessidade imperiosa, a alta cultura católica, de harmonia com as exigências e necessidades actuais, para que seja rápido o ressurgir da sociedade laicizada nos séculos XVIII e XIX.

Cremos bem que o Congresso em tão boa hora realizado, e que de maneira tão varonil e cristã marcou a sua presença a servir a Igreja, irá ter uma continuação digna do modo como foi preparado, porque só assim ele será um valor autêntico. E estamos certos de que o Congresso vai marcar um novo período na renovação da vida universitária.

FERNANDO CRISTÓVÃO



SIMBOLISMO LITÚRGICO

O homem não age só por realidades concretas, fins próximos resultantes de causas já conhecidas, de cujo desfecho possui a certeza. Age por realidades que o transcendem, de cuja existência não duvida mas que não é capaz de concretizar, age por esbocetos de verdades cuja amplitude e riqueza não abarca completamente.

O ser corpóreo tem necessidade de concretizar em algo de material as verdades não corpóreas.

Senhor da inteligência, consciente do seu lugar e capacidades, cria o símbolo, resposta necessária às suas expressões.

E este nasce não como resposta a um capricho mas como necessidade que se corporiza; e tal expressão não se faz por mera necessidade acidental mas essencial. (1)

A amplitude do símbolo pode dizer-se sem hipérbole que é incomensurável, possiundo sempre uma mensagem universal; (2) é que transcende o seu próprio âmbito natural segundo a convenção que o associa ao espiritual, encontrada anos elementos de composição corpórea. (3)

Havendo um paralelismo entre a ordem natural e a sobrenatural, o símbolo vem marcar esse paralelismo, a convidar o homem a transpor-se para o mundo superior ao que o rodeia. (4) Daqui concluímos que procura o símbolo, não por diletantismo ou desporto de espírito mas por necessidade vital; é que está em jogo um mundo mais poderoso que o seu, em jogo a sua vida, em jogo o seu destino, a paz da sua consciência.

---

(1) «O Espírito da Liturgia», Romano Guardini, Arm. Amado, Ed., Coimbra, 1949, pág. 60.
(2) Ibidem, pág. 61.
(3) Denis Sinor, «Maison Dieu», n.º 22, 1950, págs. 44-62.
(4) Ibidem

A representação de uma ideia ou coisa tem de se fazer por mera convenção social a menos que se atraiçoe a sua própria finalidade. O símbolo dirige-se àqueles que apreendem em cada um dos seus elementos constitutivos o significado comum que todos lhe atribuem.

Não é senão por convenção que a cada coisa se atribue um nome e que o aperto de mão significa cumprimento, por vezes o fechar dum compromisso. E é no seio deste convencionalismo que o homem vive, que o homem age.

Se o simbolismo é uma necessidade vital do homem, também é necessidade social, porque meio de expressão, de comunicação, sem o qual o homem se veria privado de um enriquecimento de ideias e de certezas.

*

* *

Desde sempre, a perder-se na noite dos tempos, o homem traduz por meio de sinais, de simplificações, todo um conteúdo espiritual e material.

Mas na medida em que os objectos das suas representações pertencem ao seu mundo, ao corpóreo, o símbolo perde gradualmente significado, transforma-se em sinal porque o representado é pertença do mesmo âmbito, e aproxima-se do retrato, se não se transforma na alegoria que é uma sugestão, um apontamento da realidade.

O símbolo realiza-se perfeitamente quando fazendo um com o simbolizado, segundo uma convenção, transpõe para o mundo material as realidades de ordem sobrentural, de tal modo que se torna um elemento em função da realização do homem em ordem ao fim.

E se hoje há uma produção constante de sinais — a que muitos chamam símbolos — que tudo designam, partidos políticos, pequenos agrupamentos, indústria, comércio, um mundo infinito de coisas, não surge tal abundância se não pelo facto de tal emblema trazer constantemente ao pensamento de quem o vê ou ostenta, a lembrança de ideais, de um trabalho que se realiza.

Neste sentido, sinal não será símbolo se a realidade que traduz não for realidade não corpórea ou pelo menos se se não ordenar ao não corpóreo. A ideia abstracta contudo não pode ser representada em símbolo pela simples razão que é impossível formar um todo, concretizá-lo com elementos abstractos.

E o símbolo fazendo parte da natureza profunda do homem, tem

de corresponder às exigências concretas, reais, fruto das suas necessidades. (1)

A língua, sistema de sinais, surge da necessidade orientadora da vida do homem no comércio das coisas e das ideias.

Mas se Deus entrega ao homem riquezas infindas, também lhe imprime um dever de justiça, uma consciência que o situa no seu mundo, um sentimento esclarecido de que o seu mundo é governado e sustentado por outro a quem deve de algum modo testemunhar gratidão; e começa por testemunhá-la pela forma que julga mais cordata, pela forma que a sua fantasia ou companheiros de Clan lhe sugerem.

O homem, capaz de abstracção mas precisando de sinais sensíveis, procura-os como expressão do reconhecimento de suserania, dando-lhes um alcance que transcende os próprios elementos naturais.

O homem exige o símbolo e Deus, recorrendo a processos humanos, estabelece as relações do homem para Consigo Mesmo num sistema de simbolismos religiosos; de tal é prova concludente todo o livro do Levítico. (2) E se Deus prescreve vários ritos, estes nada alcançarão se não forem acompanhados da fé sem a qual os holocaustos, oblações e sacrifícios pacíficos de nada servirão.

*
* *

Cristo veio completar a Aliança, e trouxe-nos um ensinamento vivo na realização do mais perfeito simbolismo religioso, quer nas acções (sacramentos) que instituiu, quer já na doutrina que ministrou.

A Igreja realiza a sua missão realizando esse perfeito simbolismo religioso que, dada a sua transcendência, nos lança no mundo sobrenatural.

O mundo desorientada e conscientemente havia negado ao seu Deus o culto que Lhe devia, deixando quase tão só os elementos da natureza para que o fizessem embora inconscientemente, como nos indicam as várias teofanias nomeadamente dos Salmos. (3)

Reencontrada a humanidade em Cristo, trouxe-nos não uma simples mensagem da Trindade Santíssima, mas o próprio Deus posto ao

---

(1) Régine Pernould, «Maison Dieu», n.º 22, 1950, págs. 7-18
(2) Levítico — Cap.os I, II e III, em especial.
(3) Ps. XXVIII; XCVI.

nosso alcance transmitindo na palavra e nas acções as realidades de que o mundo carecia. Mas porque veio ligar um mundo a outro mundo, essa ligação tinha necessàriamente de possuir alguma relação pela qual o homem se pudesse elevar; assim as palavras do Senhor — quando fala em parábolas nomeadamente — são um forma perfeita do símbolo.

A forma da administração do baptismo não é mais que um símbolo da transformação sobrenatural que se opera na alma; o Sacrifício Eucarístico é representação simbólica da união íntima que se opera entre Deus e a creatura.

A Idade Média, que vive, pensa e age cristãmente, procura, por necessidade do tempo, a profusão do símbolo legando-nos numerosos exemplares desde a heráldica à literatura passando pela escultura.

Toda a mística medieval que cresce entre cantares de amigo e animais fabulosos, apresenta-se-nos impregnada de representações mais ou menos fantasiosas. Casando admiràvelmente a fantasia com a realidade, os mestres medievais encontraram nesta forma a maneira mais apropriada de exprimir ensinamentos.

A legenda de S.^{to} Graal disso é exemplar bem frizante. A sua conquista só é alcançada por Galaaz, o cavaleiro virgem totalmente abandonado nas mãos de Deus, ensinando-nos que a melhor vitória se alcança com a virgindade e a confiança em Deus.

A Idade Média sublimou o símbolo. A Renascença, pelo contrário, mergulha na representação naturalista divorciando-se cada vez mais do sobrenatural, nomeadamente na arquitectura e pintura.

A Idade Moderna refugia-se no melífluo, num certo efeminismo — desvirtuando conceitos medievais e contrapondo-se a alguns exageros da Renascença — perde a proporção; tudo gira em torno do aparente, do artificial.

Presentemente, solucionados os problemas segundo as mais diversas correntes atende-se às fontes, procurando um critério que esteja presente em tudo, avivam-se tradições e costumes que há muito haviam perdido todo o conteúdo espiritual.

O símbolo serve o homem, mas na medida em que este decresce na consideração ou advertência dos valores superiores, aquele perde o seu valor.

Nos primórdios da Igreja tudo é simples, duma simplicidade encantadora, mas de uma riqueza simbólica incomensurável.

O Bom Pastor, (1) a pomba simbolizando a alma, o peixe alimento místico, Jonas, Daniel, a Orante, aparecem-nos frequentemente nas catacumbas a realizar com perfeição toda a sua finalidade: o alimento das almas.

Aponta S. Cirilo de Jerusalém que os catecúmenos nas cerimónias preliminares do Baptismo pronunciam a sua renúncia a Satanás virados para Ocidente, simbòlicamente a região das trevas onde reina o demónio. E que após tal renúncia, voltados para Oriente, reino da Luz onde o Senhor impera, fazem a profissão de Fé. (2)

Em plena Idade Média, era riquíssimo de significado o costume de na Missa Estacional, colocar no cálice um pedaço de pão consagrado na missa anterior a significar a continuidade e unidade do Sacrifício.

Não que tais expressões se hajam de reproduzir. Isso levar-nos-ia a um arqueologismo pouco de recomendar, (3) mas a obrigação de atender aos exemplos que a vida da Igreja no nosso tempo tão ciosamente guarda e nos propõe à consideração.

No Baptismo, a veste branca que se impõe ao neófito a exprimir a sua completa regeneração espiritual, e a vela acesa figurando a fé viva que é convidado a transportar até à morte, (4) infelizmente passam despercebidos à maior parte dos fieis.

Graças a Deus que a par de tanta ignorância e por isso mesmo de tanta falta de espírito litúrgico, se vai tornando necessário despirmo-nos do mero formalismo em que por vezes se cai.

A Igreja vela para que não falte a nenhum dos seus filhos o alimento de que realmente carece.

E das palavras aos ritos, da atitude ao ornamento, que riqueza admirável...

Na ornamentação da igreja, altares e paramentos entrou há muito o comercialismo. A renda, por exemplo, tudo invadiu, comercializada, e por vezes desfigurou alguns dos nossos paramentos, nomeadamente a alva.

A única reacção está em tomar consciência do valor de um dos melhores meios colectivos de educar o homem, ser social.

---

(1) «Dictionaire d'Archéologie Chrétienne et Liturgie», T. XIII, 2.ª parte, cols. 2272-2390
(2) Catequese XXII, «Coll. SS. Eccl. Patrum», Caillau, T. 47, Paris, 1835, págs. 566-510
(3) «Mediator Dei» — Pio XII, Ed. da Junta Central da A. C. P., pág. 44
(4) Ritual Romano

A âncora que simboliza a virtude da Esperança radica-se na passagem de S. Paulo — «Refugiando-nos na esperança que nos é oferecida, e que é a nossa alma como que uma âncora segura e firme»; (1) o cordeiro e as ovelhas significam os fieis; a pomba, alma que desprendida da carne volta para Deus; a fénix que renasce das cinzas, a ressurreição da carne; o peixe e os pães — dos mais expressivos — simbolizam a divina Eucaristia; o gomil, aludindo à Terra Prometida, (2) aponta a abundância de vida na intimidade de Deus, ou a realidade eucarística ou ainda o receptáculo da alma; o navio, a Igreja; a vinha exprime a Igreja unida a Cristo; o pavão, a eternidade; a extática figura de Orante — por vezes simplificada só a mãos erguidas — a oração (3); três círculos iguais entrecruzados, a Trindade Santíssima; a chama, o Espírito Santo; a estrela, a Santíssima Virgem (4); são símbolos que pela sua riqueza de expressão não devem desprezar-se.

O símbolo embeleza e realiza as várias manifestações do comércio entre Deus e os homens, transpondo para o material o sobrenatural e elevando o homem; é a sua função primeira e única.

O Homem precisa dele porque é composto de matéria e espírito e ambos precisam de alimento para a consecução do fim proposto à pessoa humana.

JOSÉ GUILHERME

(1) Hebr. VI-18/19.
(2) Exodo — III-8.
(3) Dict. d'Archéol. Chét. et Liturgie — T. XII, 2.ª parte, cols. 2291-2322.
(4) «Linges, Insignes et vêtements liturgiques», — Dom E. Roulin, P. Lethielleux, Paris, 1930, págs. 237-241.

QUE É A J. U. C.?

Não queriamos deixar passar esse grande acontecimento que foi o 1.º Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, sem dele dizermos algumas palavras, e para isso resolvemos entrevistar o Presidente do Congresso, Dr. Adérito Sedas Nunes. Como, porém, não o poderiamos bem compreender sem primeiramente saber o que era a J. U. C. achámos por bem, procurar junto de um Jucista de Lisboa, alguns esclarecimentos sobre a J. U. C. em geral e muito particularmente sobre o modo como este organismo está estruturado em Lisboa, deixando para o próximo número a entrevista com o Dr. Adérito Nunes.

O que é a J. U. C., quais as suas características e quais os seus fins ? Tal foi o tema proposto.

*
* *

— A J. U. C. é um organismo da Juventude, integrado na A. C. e para Universitários. Como todos os organismos da A. C. tem um fim primário: O APOSTOLADO; pertencendo à Juventude Católica cabe-lhe tamém est'outro: A FORMAÇÃO; mas sendo para universitários, esses fins tomam uma característica especial: A INTELECTUALIDADE. Deste modo a J. U. C. será a presença da Igreja, através de alguns mandatados da Universidade.

O Santo Padre definiu, quando do Congresso da Pax Romana, em 1950, estas mesmas características e fins e disse que o Universitário católico devia estar sempre na frente do combate, da Inteligência, pois tem uma missão a cumprir no plano intelectual.

A J. U. C. EM PORTUGAL

A J. U. C. portuguesa está organizada nas 3 Dioceses onde há universidades. Estes três centros diocesanos estão submetidos a uma direcção-geral que por sua vez está filiada no Organismo internacional de Universitários Católicos: a PAX ROMANA. Estes 3 centros dife-

rem bastante quanto à origem e meio-ambiente e vivem autónomos entre si. Até há três anos esta autonomia caracterizava-se por uma descoordenação total de trabalhos mas, daí para cá a D. G. tem procurado coordenar a sua acção mercê de encontros entre dirigentes dos 3 centros. Esses encontros realizaram-se, respectivamente em Fátima, Coimbra e Porto nos anos de 1950-1-2, e neles estudaram-se temas sobre técnicas de Apostolado ao mesmo tempo que se começava a estruturar a unificação dos centros. Foi especialmente no de Coimbra que se lançaram as bases do Congresso que este ano se realizou.

O resultado destes encontros foi magnífico, pois, desde logo se começou a entrever uma evolução animadora de coordenação de trabalhos que veio a culminar no Cogresso, possível graças ao labor unido e magnífico das 3 secções diocesanas..

A J. U. C. DE LISBOA

Após ser-nos dada uma ideia sumária mas clara da J. U. C. Portuguesa o nosso entrevistado começou a descrever o modo como este organismo trabalhava na nossa Diocese.

A secção de Lisboa que durante muitos anos e até há relativamente pouco tempo existiâ mais de nome que na realidade, mercê da influência do Rev.º Assistente, Dr. António Rodrigues e do trabalho e entusiasmo de alguns elementos, conseguiu progredir e elevar-se de tal modo que hoje é o organismo juvenil da A. C. que maior número de efectivos possui na nossa Diocese. Estes, em número de 600, estão espalhados pelas 10 faculdades onde o movimento está lançado (Agronomia, Belas Artes, Ciências, Direito, Económicas, Farmácia, Letras, Medicina, Técnico e Veterinária), trabalhando ainda alguns para formar uma nova secção no Colonial.

Estas secções com características diferentes têm o seu ponto de união na Direcção Diocesana (D. D.) que não só é uma coordenadora burocrática mas também e principalmente, uma orientadora de actividades. Esta orientação é dada através do Corpo de militantes, a que pertencem todos os dirigentes de secção e uns tantos jucistas de cada Faculdade, e que se reune todas as semanas primeiro em conjunto e em seguida por Faculdades, numa sala da D. D..

Toda a acção jucista se desenvolve em três aspectos distintos:

— No 1.º o individual, situa-se a Acção Pessoal mais conhecida por A. P., característica de todos os organismos juvenis. Sendo de todos

os apostolados o mais lento e difícil, é, contudo, o que maiores e mais resultados atinge.

— Em seguida temos a Acção por grupos, feita através das campanhas. Estas, fundadas há 3 anos são compostas por 5 efectivos e um militante — 6 «companheiros» — e têm como finalidade impulsionar a A. P. e ao mesmo tempo modificar e preparar o pequeno meio, abrindo deste modo o caminho à Acção de Conjunto.

Existem hoje, 50 campanhas que englobam já metade dos elementos jucistas. Embora nem todas estejam a trabalhar como seria para desejar, — umas porque estando ainda a dar os primeiros passos não podem dar o rendimento total, outras, infelizmente, por falta de interesse de alguns dos seus elementos — a maior parte está e tem já realizado trabalho apreciável.

— A acção de Conjunto, finalmente, compreende todas as actividades que projectam a J. U. C., como organismo, no meio. Dentre as suas principais actividades destacam-se as culturais e espirituais.

Entre as primeiras e não falando já do Congresso temos, entre outras:

1) — O curso de Ontologia médica, organizado o ano passado pela secção de medicina, cujas lições ministradas por professores catedráticos tiveram uma assistência média de 300/400 pessoas.
2) — Um curso de Problemas de Direito, organizado também o ano passado pela secção daquela Faculdade.
3) — Um círculo de 4 conferências abordando temas de problemas intelectuais.
4) — Um curso de Filosofia com 4 a 5 lições.
5) — Um curso de Teologia, também de 4 lições.
6) — Um curso de Sociologia.

Das Espirituais poderemos destacar:

1) — Os retiros, em número de 4 por ano, que foram frequentados mais ou menos por 170 jucistas.
2) — As recolecções mensais com uma frequência que tem chegado a 150 presenças.
3) — A Comunhão Pascal em que comungaram entre 700/800 rapazes.

4) — A Missa de abertura do ano lectivo.

5) — A Bênção das Pastas.

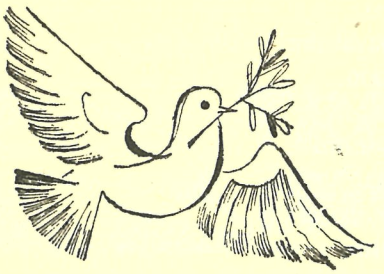
Ainda, e, abrangendo tanto o campo cultural como o espiritual, realiza-se todos os anos, nas férias grandes, um Campo de Formação que dura 10 dias e onde a par desta formação se estudam e marcam as actividades do ano seguinte.

Do exposto verifica-se que a J. U. C. é um organismo de características muito especiais. Por isso mesmo antes de um universitário passar de aspirante a efectivo, é-lhe ministrado ao entrar na J. U. C. um curso de 8 lições em que lhe são dadas as bases e se define o que são a Acção Católica e a J. U. C..

As actividades jucistas vêem-se dificultadas consideràvelmente pelo contingente tempo; na verdade descontados os períodos de exame e férias, fica o ano social reduzido a uns 5 meses. O jucista activo, já assoberbado pela absorvente preparação profissional tem de realizar assim um esforço só viável em verdadeiras dedicações. É verdade que nem todos os jucistas são activos mas o número de «integrados» aumenta de ano para ano.

Pela breve resenha das actividades jucistas podemos avaliar a missão que a J. U. C. deve desempenhar no mundo católico português de hoje. Na medida da importância dessa missão necessita das orações de todos.

S.



Nossa Senhora em Menina

Nossa Senhora era ainda
Pequenina de embalar.
E era linda, linda, linda,
Era linda de encantar!
Os cabelos — fios de oiro;
Os olhos — da cor do mar;
A boca — raro tesoiro
Com perlas dentro a brilhar.

Tinha dois anos talvez...
(Eu sei lá... talvez nem tanto!)
(Ora um dia, ora uma vez,
Uma pombinha — que encanto! —
Desceu, poisou-Lhe na mão;
E com fervores de santo,
Com arrulhos de oração
Rezou-lhe assim, entretanto:

— Nossa Senhora Menina,
Menina cheia de graça,
Eu sou ave pequenina,
Avezinha que esvoaça,
Esvoaça... e vem cansada...
Dá-me licença que faça,
Por hoje, a minha pousada
À sombra da Tua Graça! —

Nossa Senhora deixou.
E a pura, branca pombinha
Toda a noite descansou,
Consolada, agachadinha
Junto ao berço da Senhora.
Bem não era manhãzinha...
Em claros risos de aurora
Mal outro dia lá vinha,

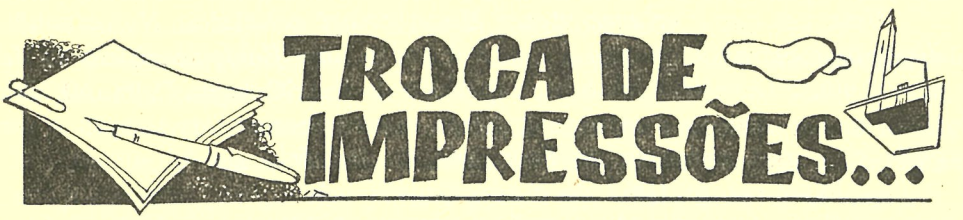
Já refeita, descansada,
A pomba se ia aprestando
Para seguir de jornada.
Mas a Menina, acordando,
Como chorava e sofria!...
...Em a pombinha abalando
Quem com Ela brincaria? —

. . . . . .

E a pomba lá fez de todo
O seu ninho em Nazaré.
Era então de ver o modo
Como o Lírio de Jessé
Lhe enchia as asas de beijos,
Pois supunha em sua fé,
Pois sonhava em seus desejos

Que a pomba, quando subia
Lá tão acima nos Céus,
Decerto lhos deixaria
No Santo Rosto de Deus!

FERNANDO MELRO



Têm a palavra os Párocos

— O magno problema da Catequese

O ensino da catequese, que tem sido objecto dos maiores cuidados e desvelos da Santa Sé, encontra-se já hoje num grau de aperfeiçoamento notável, para o que têm contribuído inúmeros congressos internacionais e nacionais, reuniões, palestras, etc..

Assim, o velho e martelado ensino do catecismo desligou-se já em muita parte do método dedutivo, para ser explanado segundo várias formas e adaptações dentro do método indutivo, mais racional e em maior harmonia com os conhecimentos pedagógicos que dia a dia vão progredindo.

As dificuldades no ensino, existiram e existirão sempre, mas não há dúvida de que para muitas se encontram soluções que se não forem satisfatórias, são pelo menos vantajosas e dignas de maior estudo e aplicação. Com o intuito de reflectir em comum sobre questões diversas, que constituem a preocupação de quantos se dedicam à catequse, pedimos a alguns Párocos já experimentados nestas lides apostólicas, que nos dissessem alguma coisa da sua experiência e das suas tentativas de solução.

Cemeçamos na freguesia de Alcântara por ouvir o Padre Adriano Botelho, cujo trabalho é bem conhecido e que em muito nos pode elucidar.

*

* *

— A propósito da Missa das Crianças, qual acha que deve ser a nota dominante: criar nelas o hábito de cumprir o preceito em vista a futura catequização, ou transformá-la em catequese ?

— *A Missa das Crianças deve ser* Viva e Vivida; *e por isso dialogada, tanto quanto as leis litúrgicas o permitem.*

Uma vez que a criança viva *a Missa, criará o hábito. Na catequese devemos mostrar à criança o que é o Santo Sacrifício; sacrifício de Jesus, e nosso sacrifício também; repetição do* Sacrifício da Cruz. *O ideal seria que a criança assistisse à Missa com a mesma compunção e piedade com que assistiria ao Sacrifício do Calvário....*

— Maneiras práticas de o conseguir?

— *Creio que será de grande vantagem habituar a criança a fazer a Via Sacra. Principiei agora a fazê-la com as crianças que já fizeram a Primeira Comunhão.... com formulário próprio para a sua mentalidade e idade é claro. Espero que a criança adquira o hábito de fazer a Via Sacra, e depois compreenda melhor e* sinta *mais vivamente o Santo Sacrifício.*

— E como fazer a criança viver as realidades da vida litúrgica?

— *Orientando o ensino catequístico nesse sentido. As nossas cadernetas por exemplo, estão assim orientadas. Claro que a Liturgia tem de ser* viva *e* vivida.... *Creio que é de grande vantagem o uso da paraliturgia.*

— Tem-se salientado muito o papel do Evangelho no ensino. Qual lhe parece ser o seu lugar próprio?

— *O Evangelho deve ter lugar primordial. O ensino catequístico deve ser sempre,* mas sempre, *Cristocêntrico. Em todas as lições se deverá falar de Nosso Senhor Jesus Cristo. Jesus deverá ser sempre* Modelo, Guia, *e* Mestre; *ou o que é melhor:* Verdade, Vida e Caminho.

Ao fazer a profissão de fé, a criança deverá conhecer, quase sem dar por isso, a vida inteira de Jesus.

— A propósito da Profissão de fé.... há um facto que nos confrange sempre e nos deixa um pouco desalentados; é que uma vez feita essa profissão ou abjuração solene como se tem dito, a debandada começa. Como procura obstar a isto?

— *Bem vêem, a debandada das crianças que fazem a Profissão de Fé, é coisa que se verifica em todo o mundo.*

No congresso internacional de Catequese, de 1950, em Roma, foi um dos pontos mais tratados, e verificou-se que é uma das coisas que mais aflige a Igreja.

Tenho tentado evitá-la por meio de diversas associações de formação: S. Luís de Gonzaga para os rapazes; Santa Filomena para as ra-

parigas, e acima de tudo com as duas J. O. C.... tenho também uma conferência vicentina. Mas.... a debandada continua. Bom será também meter os rapazes nos Escutas Católicos, etc.

— Mas certamente que o ensino nesta altura, deve ser apresentado de maneira diferente....

— *Ah! Pois com certeza. Jesus deverá ser apresentado como: ideal dos jovens; Jesus como Filho, Jesus operário, pobre, amigo da infância, da juventude; amigo dos fracos, pecadores, abandonados, infelizes.*

— Em suma...

— *Apresentar mais o lado* positivo *da religião que o seu lado negativo, de modo que o jovem se sinta atraído pela beleza da doutrina e santidade do Senhor . Também é proveitoso apresentar os modelos daqueles homens nobilíssimos que são a glória da humanidade e do cristianismo: S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo, S. João de Deus, etc..*

— Ainda uma pergunta: como consegue catequizar as crianças que não estão na esfera da influência paroquial?

— *Essas crianças deveriam ter catequese nas escolas. Infelizmente tem-me sido completamente impossível.... tenho onze escolas primárias oficiais com 44 aulas. Não falo já das escolas particulares que são outras onze.... e enquanto for professor de religião e moral do liceu, não posso iniciar essa catequese. Mas no princípio do ano lectivo ofício às escolas, pedindo que enviem as crianças à catequese paroquial, e apresentando-lhes o horário. Alguma coisa tenho conseguido.*

— Sendo tão importante a formação de quem ensina o catecismo, como ministrá-la?

— *Por cursos e reuniões. Quase todas as semanas tenho reunião de catequistas com vista à sua formação moral e pedagógica, bem como à formação doutrinal. Além disso, por vezes, no princípio do ano lectivo tenho tido pequenos cursos de catequese.*

* * *

Nos dias catequísticos que se realizaram no nosso Seminário, de 9 a 11 de Janeiro de 1951, e a que a nossa revista dedicou um número especial (1) ouvimos o Snr. Padre Amilcar Amaral desenvolver um tema que despertou profundo interesse e cuja recordação nos fez voltar agora a procurá-lo para analisar pontos determinados. E começámos:

(1) Novellae Olivarum, ano IX, n.os 81-82 (Janeiro-Fevereiro) 1951

— Na constituição dos grupos de crianças para catequizar, qual lhe parece ser o critério a seguir ?

— *Bem, os critérios variam um pouco conforme os especialistas, mas podemos reduzi-los a três principais. Segundo o primeiro critério, as crianças devem agrupar-se pela sua idade mental e não pela sua idade física — é o que se chama, pura psicopedagogia:*

Segundo outro, as crianças devem agrupar-se pela sua vitalidade cristã. O que interessa é a capacidade de vida cristã. Segundo ainda um terceiro, para se agrupar as crianças, devem aproveitar-se os grupos de brincadeiras — dizem os sociologistas.

Para mim e na prática, acho que nenhum dos critérios se deve seguir exclusivamente nas catequeses paroquiais. Todos eles têm um lado bom, mas também suscitam sérios inconvenientes.

— Pessoalmente, qual prefere?

— *Parece-me que o mais viável para os nossos meios sem preparação técnica é o da divisão por classes correspondentes às idades físicas: 1.ª classe, dos 7 aos 8 anos; 2.ª classe, dos 8 aos 9, etc..*

— Portanto, ùnicamente segundo a idade...

— *Não tanto, porque além da separação de sexos formaremos dois ou mais grupos, colocando num deles os mais adiantados, e no outro os mais atrasados (um pouco pela idade mental).*

Sempre que possível, colocaremos no mesmo grupo as crianças que são do mesmo lugar e costumam andar juntas nas brincadeiras.... é a aplicação do princípio da sociologia.

— Quanto a exames de passagem, ou de preparação, julga-os úteis?

— *Absolutamente, tanto para as crianças como para os pais.... contanto que não sejam apenas um avaliar de boas ou más memórias. Em cada exame deverá haver sempre uma parte de memória e de inteligência, caldeando os valores obtidos com a apreciação do comportamento e vida cristã da criança.*

Não nos interessa só a inteligência, nem só a memória, mas sim a criança tomada no conjunto da sua vida e capacidades.

— No caso da profissão de fé?

— *É de desejar que não sejam eles o único critério para admitir ou rejeitar uma criança.*

O critério básico não será pois o resultado do exame, mas a vida cristã da criança e a maior ou menor garantia que nos dá de perseverar.

— Sobre que matéria devem incidir?

— *....a do respectivo programa.*

Serão feitos pùblicamente e com seriedade.

— E quais lhes parece serem os requisitos da criança para essa profissão de fé?

— *Primeiro, parece-me, que nenhuma deveria ser admitida à Profissão de Fé, sem ter frequentado a catequese regularmente durante 4 anos e ter sido aprovada nos respectivos exames de passagem. Isto como regra geral de que só o prelado poderia com motivos razoáveis dispensar. Em segundo lugar, é de toda a conveniência que a criança tenha a compreensão suficiente dentro das suas capacidades, das verdades propostas no programa da Profissão de Fé, que deverá ser o de cada Diocese, até que apareça o programa nacional.*

— E que garantias ?

— *É necessário que o nível de vida cristã das crianças nos dê a certeza moral de que não debandarão totalmente depois da profissão de fé.*

— Mas em que apoiar essa certeza moral?

— *Por exemplo, se a criança vai à Missa Dominical mesmo que ninguém a chame, se reza habitualmente as suas orações, se tem a preocupação de viver em estado de graça, se procura confessar-se e comungar ao menos nas principais festas da Paróquia.... podemos admiti-la.*

Já nos há pouco citados dias catequísticos tinhamos ouvido desenvolver o tema da importância da família na educação das crianças, e vice-versa, por isso não tivemos que não perguntássemos:

— Para atingir a criança revela-se-nos a necessidade de atingir a família. Por que meios fazê-lo ?

— *Olhem os meios não faltam.... mas nós é que nem sempre os utilizamos. O primeiro objectivo será, o de estabelecer contacto com a família.*

— Como?

— *No princípio do ano catequístico, por exemplo, uma catequista visitando as famílias onde haja crianças já de cinco anos feitos e ainda não matriculadas na catequese. Ou então fazendo reuniões com os pais, tendo em vista a dupla finalidade de, utilizando as cerimónias para-litúrgicas, jogos litúrgicos etc., instruir e pôr os pais ao par do que se faz ou pensa fazer, pedindo mesmo a sua colaboração.*

Sempre que organizemos festas de catequese, devemos convidar os

pais, interessá-los a eles e a toda a família. Para isso será excelente dar às crianças para fazerem em casa, certos exercícios em que os pais ou irmãos mais velhos possam colaborar. Há ainda a biblioteca da catequese e tantos meios ao nosso alcance....

— Falámos há pouco nas garantias para a profissão de fé, prevendo a debandada. Como fazer para obstar a essa defecção geral?

— Um meio necessário, será começar a catequese mais cedo. Aos sete, oito anos todas as crianças deviam fazer a primeira comunhão com todo o fervor e candura próprios desta idade. Se incutirmos desde os mais tenros anos uma piedade sólida e uma fé sincera, terão as crianças uma primeira garantia de perseverança. Além disso as crianças como condição para fazer a profissão de fé, deviam prometer continuar a vir ao curso de perseverança.

Os pais devem também dar-nos garantias de que ajudarão os filhos a cumprir esta promessa. É de toda a conveniência depois da profissão de fé entregar os rapazes quanto possível a um rapaz. Se não, ficar o Pároco com eles. As raparigas serão entregues a uma das catequistas mais competentes.

Devemos dar ainda ao curso de perseverança um ar diferente do catecismo dos anos anteriores, com lições adaptadas à psicologia das crianças. Dizer sempre alguma coisa de novo. Dizer-lho enroupado numa história, numa aventura, num facto da vida real, mesmo de jornal ou revista na mão....

Pedir e dar serviços apostólicos adaptados às suas capacidades. Em suma, nunca abandonar as crianças depois da profissão de fé, porque tenho notado que é esse abandono a grande causa do afastamento das crianças.

— Ainda uma palavra sobre o recrutamento de catequistas.

Que critério seguir ?

— Aí está o nó górdio das nossas catequeses.

Em princípio devemos escolher para catequistas as almas de piedade mais sã e robusta, as que tenham mais geito para lidar com crianças. O catecismo deve ser antes de mais nada uma vida, e só a catequista que vive cristãmente pode contagiar as almas das criancinhas....

— Mas onde descobrir catequistas suficientes e com essas qualidades fundamentais?

— A dificuldade é grande, temos por isso de aproveitar boas vontades. A graça de Deus e o nosso esforço perseverante farão o resto.

Não esperemos só pelos cursos de formação. São raros e nem sempre acessíveis. O grande trabalho terá de ser dos párocos. Creio ser indispensável uma reunião semanal. É certamente de grande utilidade o darmos a cada catequista um livro com as lições a dar à sua classe, já devidamente feitas e orientadas.

— Qual o objectivo dessas reuniões semanais ?

— *Além da formação espiritual resolveremos dificuldades encontradas nas lições (cada uma estudará a lição antes da reunião) e daremos conselhos mais convenientes para se aproveitarem espiritualmente essas lições.*

Como a formação duma alma não se improvisa, mas leva tempo, temos de perseverar neste esforço por muitos anos. E se nem todas servirem para ensinar, nem por isso desprezemos essas almas que se oferecem para nos auxiliar pois teremos necessidade de quem nos faça serviços relacionados com a catequese.

*
* *

A conversa já ia longa. Era impossível tocar em todos os pontos de interesse. Suspendemos por ora, aguardando outras oportunidades de ouvir mais párocos, sobre este grande problema da formação e renovação da comunidade paroquial.

F. C. — J. C.

Grandes Figuras do Catolicismo

O P. Américo na sua obra



Disse um dia e com razão uma das figuras mais eminentes do nosso Episcopado, que a obra do P. Américo era sem dúvida aquela que actualmente melhor servia a Igreja em Portugal.

A espíritos acanhados parecerá arrojada esta afirmação. Analisada todavia com verdadeiro espírito de justiça, surge-nos como inegável. A Obra realizada por este Padre que de um momento para o outro nos aparece à frente de uma porção de crianças filhas do acaso e da desgraça, levou o seu nome a todo o Portugal. Quem não ouviu falar do P. Américo? Quem não leu ainda o «Gaiato» ?

Quem não sentiu ao lê-lo, uma lágrima de amor ? Este pequeno jornal sem pretensões nem falsa publicidade, mas repleto de boa semente do Evangelho, tem revolucionado as consciências e os corações dos homens.

Sentindo a dor dos infelizes, o P. Américo grita-a a todos através do seu jornal. Quer que todos conheçam, todos sintam e todos amem. Nenhum homem do nosso tempo tem o direito de se debruçar sobre si esquecendo a miséria que o cerca. Deve tomar consciência e sentir-lhe a responsabilidade. Todos somos irmãos. A dor dos que sofrem deve ser a nossa dor. Por isso o P. Américo grita ao mundo a linguagem da caridade cristã.

*

* *

Quando falo do P. Américo acode-me ao espírito a figura de S. Francisco de Assis. Ambas foram almas risonhas e abertas ao mundo que lhes

conheceu a juventude. Ambos folgazões e impulsivos conheceram o mundo da aventura. A ambos o Senhor acenou e ambos disseram que sim. E vivendo muito embora em épocas e países diferentes, os seus caminhos continuaram com linhas de semelhança. Ambos poetas e simples como crianças, esperaram na bondade do Senhor e não foram confundidos. Ambos se enamoraram do amor dos pobres e dos infelizes.

S. Francisco a todos chamava irmãos, porque tinha compreendido profundamente o Evangelho. E foi chamado louco por quem não tinha um pouco de loucura. Todavia esperou no Senhor.

No tempo actual ninguém acreditaria na eficácia de uma doutrina à maneira de S. Francisco. E no entanto, o P. Américo continua a falar aos homens a mesma linguagem. Fala no amor ao pobre, prega o auxílio à família e à criança abandonada, quer que todos sejam irmãos. E as almas sequiosas bebem a sua doutrina, porque a palavra de Cristo vale por todos os tempos.

Apesar de tudo, a Obra da Rua ainda não foi compreendida em toda a sua realidade. Talvez por isso muitos duvidem, alguns prevejam a derrocada.

A OBRA DA RUA E OS GAIATOS

Saídos quase todos de famílias miseráveis, arrastam consigo taras e doenças hereditárias. A sua educação apresenta-se como um dos pontos mais melindrosos e delicados. É necessário arrancá-los à miséria física e moral que os rodeava e dar-lhes um ambiente são, capaz de os preparar para a vida.

Naturalmente desconfiados — fruto certo da miséria — , urgia cativá-los e ganhar-lhes a confiança. Uma vez enquadrados no regime da Obra, começar por incutir-lhes o sentido da responsabilidade. Eis-nos chegados à chave misteriosa que de tantos vadios fez homens de bem.

Os rapazes, que de carinho só haviam conhecido os que a rua dá, começaram por verificar que havia alguém que por eles se interessava. O amor que o P. Américo lhes dedicava dava-lhes novo sentido à vida. Tendo o cuidado de lhes mostrar que a Obra existia por eles e para eles, obrigava-os a sentir que tinham responsabilidades. Nada melhor para fazer homens.

Nada de modelos clássicos. Nem formas, nem fardas, nem uniformes. A criança vive espontâneamente, ri, é sincera, abre-se e mostra quase sempre a matéria de que é formada, porque se sente acompanhada

e compreendida. Sabe que o Padre da Rua vive para ela, sofre por ela e dela tira as suas alegrias e tristezas. Sentido-se amada, gosta de corresponder.

É a altura de moldar o barro... Começando por depositar nela inteira confiança, dá-se-lhe aso a que faça render as suas faculdades e acredite no seu préstimo. Tem a sua «obrigação» a cumprir e por ela responde. E a criança em geral compreende. Digo «em geral», porque casos há em que a criança não corresponde à confiança que nela se depositou. É a altura de lhe falar na justiça. Sem ela não há amor. E a criança ama a justiça. Mais do que isso, ela exige a justiça.

O Padre castiga depois de mostrar o mal que se fez e de dar a entender porque castiga. E castiga porque ama.

Acompanhando assim os gaiatos e procurando criar-lhes um ambiente onde reine a justiça e o amor, consegue-se aos poucos formar-se-lhes o carácter. Nada de tentar arrancar defeitos e vícios sem primeiro lhes apontar um caminho de honra e do dever. A criança deve sentir por si a necessidade de uma vida limpa e honrada.

Seria no entanto um erro esperar que cada um destes rapazes se pudesse libertar totalmente das suas taras. Querer ter a pretensão de fazer de todos, homens de carácter, é desconhecer a massa com que se trabalha.

Procurar no campo das almas métodos, cálculos e estatísticas, é negar ao homem a sua espiritualidade, é atirá-lo para o número dos que vegetam. Exigir que o lixo produza a cem por cento, é fechar os olhos à razão e ao Evangelho.

O Padre da Rua não esquece a parábola dos dez leprosos. E porque não esquece compreende. Ele ama mesmo quando não é amado, ele continua a ajudar mesmo quando não compreendido. O fracasso de alguns não o desalenta. A injustiça de muitos não o desanima, porque acredita no valor infinito de um só deles que se salve.

Que interessa a derrota aos olhos do mundo se ela é vitória aos olhos de Deus ?

Felizmente o fruto desta Obra nem aos olhos do mundo é derrota. O número daqueles que ela arrancou ao vício e ao pecado para os colocar no campo da honra e do dever é por demais eloquente.

É talvez altura de se falar em estatísticas...

Onde e quem tem tirado resultados mais consoladores de matéria tão difícil de moldar ?? Sim, que falem mesmo os números.

A OBRA DA RUA E OS POBRES

Assisti um dia numa das casas da Obra a uma reunião de vicentinos. Eram em número de dez os gaiatos. Distribuiram-se pelos quatro cantos da sala num à vontade encantador.

Depois de meia dúzia de palavras, o Presidente passou a palavra ao que lhe estava ao lado e deste seguiu por todos até terminar a volta. De pé eu ia olhando e refletindo... Pensava na complicação de tantas e tantas reuniões e comparava... Ali nada se tinha dito a mais. Apenas o necessário. Cada um dissera de como tinha cumprido a sua missão e das necessidades dos seus pobres. O pobre amando o pobre e sentindo a obrigação de o socorrer... Eu continuava a pensar na complicação das relações sociais.

De repente oiço o meu nome. Pediam-me que falasse. Não sei se disse bem mas falei do que me ia na alma. Tinha o coração cheio. Momentos antes tinha vindo de visitar pobres com o P. Horácio. Sentira-me feliz como nunca. As caras risonhas dos velhos, os olhos daquela mãe de oito filhos a quem a Obra tirara de um curral, o sorriso bondoso dos doentes foram bênçãos que nunca esqueci. Eu estava cheio.

Tinha visto aquela viuva que sendo pobre falava de outros pobres. E uma outra mãe de tantos filhos a quem se deixou dinheiro para ela ir dando a uma velhota vizinha que a doença e a má cabeça não deixavam ser governada. A confiança no amor dos pobres aos outros pobres.

Tudo isto me fez pensar em como o mundo se alheia da miséria. E dei graças a Deus por haver Padres que se lhe dedicavam totalmente.

Falei assim e disse de tudo isto. Os gaiatos compreenderam porque lhes tinha seguido o exemplo. Falara tal qual sentira. Desde esse dia fiquei a compreender mais um dos campos de acção da Obra do P. Américo.

A protecção às famílias pobres para que elas possam no seu seio educar os filhos. Não há amor como o de mãe nem carinhos como os da família.

As Casas do Gaiato são para os que não têm pais ou para aqueles que tendo-os se sintam sem amparo.

Em os não havendo, as Casas podem fechar. Seria essa a maior vitória da Obra da Rua.

ALBERTO NETO

PARA A SUA ESTANTE...

Sobre Nossa Senhora:

G. ALASTRUEY ... ... «Tratado de la Virgen Santisima» Biblioteca de Autores Cristianos — Madrid 1945.
— Um tratado de Mariologia completo e actualizado. Pena é que o autor não tenha explicitado com a suficiente clareza, o grau de certeza teológica de várias questões.
O texto é ilustrado com reproduções de gravuras do Dürer.

S. LUIS MARIA GRIGNION DE MONFORT ... «Tratado da Verdadeira devoção à Santíssima Virgem».
Ed. Vozes — Petrópolis 1949.
Livro que se tornou popular entre os fieis. Nele se encontra desenvolvida a doutrina da nossa dependência de Maria, salientando-se como de capital importância a sua Maternidade espiritual.

P. R. BERNARD, O. P. ... «Le Mystère de Marie» — Desclée de Brouwer — Paris
De modo semelhante ao de S. Tomás na SUMA desenvolvendo o Mistério da Incarnação, o autor explana esta verdade da maternidade espiritual, relacionando-a com os vários mistérios e prerrogativas da Santíssima Virgem.

E. NEUBERT, S M. ... ... «Marie et notre Sacerdoce»
Ed. Spes — Paris, 1952.
— Partindo das indicações providenciais na hora presente, relações e semelhanças entre Maria e o Sacerdote, o autor insiste na necessidade de uma estreita união com a SS. Virgem.

P. PIE RÉGAMEY, O. P. ... ... «Les Plus Beaux Textes sur la Vierge Marie»
La Colombe — Paris, 1949.
— Colectânea preciosa, sobretudo como subsidiária da pregação. Nela estão incluídos os melhores textos sobre Nossa Senhora: trechos da Sagrada Escritura, com as respectivas notas exegéticas, trechos dos Padres da Igreja, Escritores eclesiásticos, lendas medievais e composições dos grandes poetas, desde os primeiros latinos, passando por Dante, até Claudel.

A. D. SERTILLANGES, O. P. ... ...«Mois de Marie» — Éditions du Cerf

FRANZ WILLAM ... ... «Maria, Mãe de Jesus» — Liv. Apostolado da Imprensa, Porto, 1946.
Vida de Nossa Senhora, Segundo os dados do Evangelho e elementos colhidos da tradição.

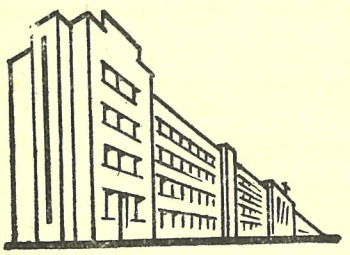
ST.º AFONSO MARIA DE LIGÓRIO ... ... «Glórias de Maria» — Ed. Vozes — Petrópolis, 1951.
Edição Popular, baseada na edição crítica dos P.es Kreb e Litz.

RAUL PLUS, S. J. ... ... «Maria em nossa história divina» — União Gráfica, 1948

E. NEUBERT, S. M. ... ...«O Meu Ideal, Jesus, filho de Maria» — Ed. SET, 1949

P. MANUEL VIEIRA ... ... «Seguindo a Virgem» — Gráfica Almondina, Torres Novas, 1952
De feição popular, para intensificar a devoção a N. Senhora.

C.



CRÓNICA

Numa outra sessão

Assumiu proporções de acontecimento a apresentação na Academia de um estudo sobre o problema agrário da autoria de Tiago Delgado Tomás, que nos ofereceu um excelente trabalho digno dos maiores elogios, já pelo real valor que possui, já pelo que representa de zeloso e devotado interesse.

Analisou duma maneira completa a situação presente das populações do campo. Para avaliar quão difícil é, hoje, viver directa e ezclusivamente da terra, basta atentar no ritmo crescente do despovoamento dos campos. Este um magno problema que inquieta muita gente, infundindo preocupações de toda a ordem.

A nós interessa-nos principalmente o aspecto que, lògicamente, maior atenção mereceu ao orador, o religioso-moral, que aliás é inseparável dos restantes: religião e moral são valores de vida. Na realidade nada foi esquecido ou menos cuidado.

Com inteira justiça se pode afirmar que Tiago Delgado Tomás contribuiu notàvelmente para um melhor conhecimento entre nós, das realidades rurais até aqui quase ignoradas, facto que o orador, a principar, classificou de escândalo.

*

* *

Acedendo a um pedido da Academia, o Sr. P.e José Cabeçadas teve a gentileza de vir projectar-nos uma pequena película que ele próprio produziu e que apresenta alguns aspectos da vida agitada e aventureira a bordo da «Sagres» navio-escola, em que já viajou como capelão.

Os futuros oficiais tomam o seu primeiro contacto com o mar nesta embarcação original, ao geito das àntigas naus, que os prepara para uma vida arrojada e dura. Tal cenário, como fàcilmente se conclui, oferece situações e aspectos curiosíssimos que Sua Rev.a soube convenientemente explorar. Estamos-lhe imensamente agradecidos.

Palestra pelo Dr. António Júdice

Chegou finalmente a nossa vez de escutar a palavra autorizada e competente do Dr. António Júdice.

Sua Ex.a também já perfilhou as doutrinas e ideais cujo erro, hoje, se esforça por denunciar: este facto confere singular autoridade às suas palavras que, neste como em muitos outros assuntos, são ouvidos com excepcionalíssimo interesse. O sólido alicerce das suas convicções, segundo a doutrina de S. Tomás, e o desassombro e empenho com que as manifesta fazem das suas palestras actividades de autêntico apostolado. Contagia o seu ardente entusiasmo de convertido.

No desenvolvimento do tema proposto referiu-se em primeiro lugar aos motivos de ordem doutrinal que levam alguns intelectuais ao comunismo, apontando como principais, a deficiente formação filosófica do liceu e o tecnicismo do ensino universitário.

E no louvável desígnio de pôr em realce o fiozinho de verdade de que o comunismo, como todos os sistemas erróneos, é portador, falou-nos do espírito de comunidade que aquele preconiza e do seu esforço, embora frustrado logo de origem, por «personalizar» as relações sociais, afirmando a concluir: «Há nobres aspirações próprias do nosso tempo que o comunismo infelizmente desencaminha».

Quanto a nós cristãos, importa que sejamos instrumentos dóceis da graça, não descurando o desenvolvimento da natureza base daquela. Daí a necessidade de marcar presença em todos os grandes movimentos espirituais do nosso tempo: na arte, na literatura, na ciência.

*
* *

Já ao corrigir das provas para a tipografia, nos chegou a inesperada notícia da morte de Sua Ex.ª.

Não a pudemos deixar de sentir, tanto mais que ainda era bem viva entre nós a sua presença.

Já pedimos ao Senhor pelo seu eterno descanso, para que entre finalmente na posse da Verdade perene.

Visita de crianças

Muito nos sensibilizou a atitude simpática dos Cruzados *da Penha de França, que resolveram visitar-nos, presenteando-nos com uma récita interessantíssima.*

Proporcionaram-nos e s t a s crianças momentos de agradável recreio e até de verdadeira emoção, fornecendo-nos preciosas sugestões para as nossas festas de catequese.

No início da sessão fizeram-nos entrega dum ramalhete espiritual e de um avultado donativo monetário, que por serem dádivas de crianças maior valor adquiriram aos nossos olhos como, por certo, também aos de Deus.

Festa da Ressurreição



Depois da azáfama dos exames de trimestre v e i o a Semana Santa, não menos fértil para nós em trabalho e sacrifícios. Aliás a Providência não no-los envia fora de t e m p o: para r e s s u s c i t a r m o s com o Senhor, importa que antes o acompanhemos no seu caminho doloroso. Logo fazem parte da nossa participação activa no Mistério Pascal as cerimónias extensas e os ensaios fatigantes....

Mas na alegria transbordante da Ressurreição a lembrança das dificuldades passadas só intensifica o nosso regozijo. «O vere beata nox», «O felix culpa....», canta a Igreja em flagrante paradoxo. Mas não há que admirar. É possível aproximar os mais contraditórios conceitos desde que Criso fez surgir do sofrimento a vitória, da morte a vida.

Estivemos presentes

Mal terminaram as nossas férias, interregno indispensável na labuta ordinária, logo a Polifonia foi chamada a comparecer na Sé para cantar durante o Pontifical do último dia de trabalhos do Congresso Universitário. Na realidade estes jóvens, futuros dirigentes e responsáveis, tinham muito que agradecer de luzes recebidas e de resultados alcançados.

Foi um êxito o seu empreendimento, que patenteou a firmeza da sua posição de cristãos e universitários conscientes.

— Também o nosso coro polifónico se deslocou à igreja de S. Domingos para desempenhar a parte coral da cerimónia ali realizada no dia 28 em que as mulheres portuguesas agradeceram a Deus os benefícios concedidos à nação portuguesa durante os 25 anos do governo de Salazar.

O Senhor Cardeal Patriarca que esteve presente e fez uma alocução definiu deste modo o alcance do acto: «Governar é servir. Rezar por eles (governantes) reverte em favor de todos».

A. TAVARES

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Telefones 54012 51594
TRANSPORTES SIMÕES
José Simões
Transporte para qualquer parte do País
Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Pratas de arte, jóias
bronzes artísticos
pratarias para o culto
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
CELESTINO DA MOTTA MESQUITA
Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PORTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Telef. 704

Livraria e Papelaria Moderna
Machado & Ribeiro, L.da
Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 - PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00—História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 46$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 - Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00
Material Escolar
Peçam catálogos indicando o género de livros



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

HOROPTICA, L.DA

Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.mo CLERO

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 — Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA

Composição e impressão de
Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 — BEJA — Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL